

PROVINCIA DE S. PAULO.

AREAS, 15 DE MAIO DE 1873.

ANNO II.—NUMERO 171

O MOSQUITO

PROPRIETARIO E PRINCIPAL REDACTOR L. A. PEREIRA

ASSIGNATURAS

Para esta cidade 6\$000
 Para fóra 7\$000
 Anuncios a 60 reis por li-
 nha, e publicações a pedido
 e que se convencionar.

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

NA PRAÇA DA BATERIA N. 36

CONDIÇÕES

As assignaturas são pagas no
 acto de assignar, e podem co-
 meçar em qualquer dia, mas
 terminam sempre com o núme-
 ro 52.

Os srs. assignantes que estiverem quites da importancia de suas assignaturas, terão direito: 1.º—A' publicação gra-
 tis, de annuncios até á quantia de 10\$000 reis, durante o anno; 2.º—A' parte de 20:000\$, 10:000\$, 4:000\$, 2:000\$, ou
 1:000\$ de reis, que sahirem por sorte em um bilhete inteiro de loteria, comprado e annuciado mensalmente.

O MOSQUITO

Areas, 15 de Maio de 1873.

Os Sonhos Maternos.

Eil-a a boa mãe assentada, amamen-
 tando seu innocente filho deitado em
 seu cóllo.

Com uma das mãos sustentava o de-
 bil corpo da pequena creaturinha, e
 com a outra dirigia o seio aos movi-
 mentos incertos de sua boca.

O sentimento do amor materno res-
 plandecia em seu semblante com um
 brilho puro e calmo, reflectindonelle os
 castos gozos de sua alma!..

Ora surria-se aos esforços do peque-
 no caprichoso, cujas mãos querião apa-
 nhar tudo quanto via diante de si, ora
 fixando seus olhos em sua physionomia
 impaciente e avida, pensava no futuro
 do *povero bambino*!....

O que serás, meu filho, tu, cujo pas-
 sado é tão curto e que tens um futuro
 tão vasto?....

A vida é ainda para ti, como para
 nós a immensidade do mar sem limite
 e sem horisonte!... Amarás tu o bri-
 lhante uniforme do soldado, as corne-
 tas dos regimentos, o tumulto da guer-
 ra e os cantos da victoria? Preferirás
 os sons dos órgãos nas igrejas, os in-
 censos que fumegam nos altares da
 Virgem, os hymnos que echoão na am-
 plidão dos templos e os ricos paramen-
 tos que, apoz si, arrastão os socerdo-
 tes? Serás tu pintor ou maestro, a gloria
 de tua patria e o orgulho de tua mãe?

Quererás por ventura a vida do mar
 e commandando um navio, levar teu
 pavilhão cheio de gloria ás mais remo-
 tas terras? O mundo é tão grande!...
 O céu é tão puro!... A vida surri para
 ti, e Deus da-te a escolher....

Filho, a quem hoje basta, para tua
 nutrição e tua ambição, o seio de tua
 mãe e o seu collar de coral, possas tu
 nunca desejares mais do que aquillo
 que deves ser e contentares-te com o
 destino que o bom Deus te conceder!...

Eu quero que minhas amigas me ad-
 mire, quando, um dia, passeiar apoi-
 ada em teu braço e que suas filhas te si-
 gam com os olhos, quando fores para o
 teu trabalho.

Quero que sejas bello e que sejas fe-
 liz, quero que me ames tanto quanto te
 tenho amado!... Oh! se soubesses o
 que é o amor de uma mãe ao qual ne-
 hum outro pode igualar!...

Outros labios sorrir-se-hão para ti,
 outros olhos admirarão a tua physiono-
 mia de homem, porem esses labios não
 terão aquecido com seus beijos tua fra-
 queza de hoje, nem esses olhos advi-
 nhado tuas necessidades, quando não
 podias exprimir-as!... Louro cherubim
 quem, melhor do que eu, ter-te-ha da-
 do seu sangue e sua alma?...

Que mulher poderá dizer-te que
 amou-te antes que viesses ao mundo?
 Tenra e pura creatura conserva-te sem-
 pre digna de tua alta e nobre origem,
 digna de mim, nos diversos transes por-
 que has de passar, conserva-me sem-
 pre a felicidade que me deu o teu nas-
 cimento!...

Assim pensa a verdadeira mãe, aquel-
 la que faz do egoismo uma virtude, po-
 is quer só para si o primeiro sorrir de
 seu filho e quer ser a primeira a ouvir
 o seu primeiro balbuciar!...

Essa comprehende a verdadeira posi-
 ção de mãe, não se envergonha de ama-
 mentar o fragil ente, a quem só os
 cuidados maternos podem salvar!... El-
 la prefere ver o sorrir do filho ao bu-
 lício do baile, extasia-se mais com o
 seu brinco infantil do que com a musi-
 ca effervescente da valsa!... Não en-
 trega seu filho a mãos mercenarias,
 porque comprehende que ninguem co-
 mo ella pôde cuidar desse ente que tan-
 to a fez soffrer!...

Não quer ser bella senão para seu fi-
 lho, por elle esquece-se de tudo, nelle
 concentra as suas mais caras affeições,
 porque por elle e para elle vive!...

E' mãe, e não matricida!...

E' aquella que com o seu proprio san-
 gue sustenta o ente gerado á custa des-
 se mesmo sangue!...

Gloria á verdadeira mãe!...

Gloria á mulher que comprehende os

nobres e sublimes deveres de mãe!...

Essa pôde esperar a benção de Deus,
 o respeito dos homens e a gratidão fi-
 lial, porque, como a Virgem Santissi-
 ma amamenta seu filho!....

INTERESSE EDITORIAL

3.º BILHETE DE LOTERIA
 OFFERECIDO PELO PROPRIETARIO DO MOSQUITO AOS
 ASSIGNANTES DO 2.º ANNO.

Os Srs. assignantes que
 estiverem quites da impor-
 tancia da assignatura do
 Mosquito, teem direito á

parte de vinte contos, dez
 contos, quatro contos, do-
 us contos, ou um conto de
 reis, q' lhes sahir por sorte
 no bilhete inteiro n.º 480,
 da 23.ª loteria, conce-
 dida a beneficio das casas
 de detenção da provincia
 do Rio de Janeiro, pela lei
 provincial n.º 1136.

NOTICIAS GERAES

Estrada de ferro Pedro
 2.º—Consta-nos que será inaugurada
 a estação do Major Corrêa no dia 20
 do corrente.

Queira Deus que breve vejamos esse
 motor da civilização estender seus bra-
 ços por todo o nosso fertil e grandioso
 Brasil.

Mais uma brilhatura do
 sr. d. Lacerda.—Lê-se no *Jor-
 do Commercio*.—«Em um despacho da-
 do por S. Reverendissima, exige que
 os contrahentes em matrimonio, decla-
 rem se havião tido cópula, ainda que
 occulta, afim de facilitar a dispensa,
 e que se dirigissem a elle em carta fe-
 chada!....

Onde iremos parar?

Concerto de estrada.—O
 sr. Constantino Alves da Cruz, acaba
 de fazer os reparos precisos na estrada
 que do alto do morro de Sant'Anna vae
 aos Barreiros, tornando-a uma magnifi-
 ca estrada de rodagem. Louvores a tão
 distincto cidadão.

Fazemos votos para que o Espirito
 Santo illumine a nossa Illustrissima,
 afim de mandar fazer o mesmo a que
 daqui communica com esse ponto.

O sr. dr. Novaes.—Temos a
 satisfação de annunciar que acha-se
 completamente restabelecido do grave
 encommodo que soffreu esse illustre e
 prestimoso cidadão. Nossos agradeci-
 mentos á Providencia, nossos parabens
 á sua boa e illustre familia.

Julia Arnaud.—Faz hoje o
 seu beneficio esta sympathica e habil
 actriz, o espectáculo que leva em scena
 é escolhido e variado. Esperamos que o
 nosso publico, illustrado como é, não
 deixará de concorrer, protegendo des-
 modo a sr.ª d. Julia.

FOLHETIM

O MONJE DE CISTER.

Romance historico por

A. HERCULANO

(FRAGMENTO)

1388—1389

(Continuação do n.º 13.)

«Desde este dia vosso pai não disse mais palavra, nem quiz mais comer. As vezes viam-se-lhe borbujar nos olhos as lagrimas; mas enxugavam-se-lhe logo.—Durou assim alguns dias: uma febre violenta o sustentava. Este fatal alimento faltou-lhe por fim, e expirou. O nome unico por quem chamou pouco antes de morrer, foi o de seu filho.

Aqui o abbade callou-se. Estava em pé diante de mim; e eu olhava para elle fito: Brites, que tinha escutado tudo immovel como eu, me tirou daquelle torpor sabindo do aposento, e cantando:

Boa festa, santa festa
Em que se canta latim:
De festa vestida, ás bôdas,
As bôdas cantando vim.

Já norem, este medonho contraste de uma voz de alegria no meio do ambiente de ferro que me cercava não me fazia abalo. A dor passára o termo até onde lhe é dado ir esmagando o coração humano: o meu era ermo, nú, petrificado. Mas ali estava gravada pela voz de meu pai uma palavra que não se podia apagar, *Vingança!*

«Que me deem algum alimento. No pateo um ginete enfreado e sellado. A minha armadura e a minha espada bem limpas na salla d'armas! Um pagem para me acompanhar.»

«Senhor Deus Jesu-Christo!» Exclamou o abbade, com um gesto de terror, que, não sei porque, nelle tinham causado estas palavras.

«Que me deem algum alimento. No pateo um ginete enfreado e sellado. A minha armadura e a minha espada bem limpas na salla d'armas. Um pagem para me acompanhar»

Os meus pensamentos eram immutaveis como de bronze fundido: as minhas palavras como um dobre por finados, innegaveis, indestructiveis.

Creio que comi: senti renovarem-se-me as forças. Creio que vesti a armadura; ouvi o tinir do fraldão de malha sobre os coxotes, o jogar destes e das grevas debaixo das joelheiras. Creio que cingi a espada: o coração percebeu que o instrumento da vingança estava encostado ao peito. Creio que cavalguei no meu ginete; conheci que escarvava a terra diante da planicie que se alargava em frente dos paços, já meus, como em dia de peleja no campo da lide.

Tambem um pagem cavalgando

uma hacanea estava ao pé de mim: trazia-me uma lança, e ás costas o meu escudo mettido em uma funda. Como se outras armas houvesse ali mais que a espada ou o punhal para quem quer vingar-se: outro escudo mais que uma vontade, um pensamento perspicaz, tranquillo, unico, incapaz de errar o alvo, semelhante a uma tenção damnada de Belzebuth!

«Sabes onde são os paços do cavalleiro que esteve aqui?—perguntei eu ao pagem.

«Qual, senhor?»

«D. Vivaldo, cão maldito!»

«Não, senhor. Mas ouvi que seguia a corte.»

«Para Lisboa!»

Partimos. Caminhamos em quanto os cavallos se podiam menear, e ficavamos onde nos colhia a noite. Atravessamos certo dia por uma povoação: era domingo: o sino tocava á missa: o povo apinhava-se á porta da igreja: cheguei ali e passei: não me importou o dever de christão, e não senti remorsos. Percebi então como um pensamento pode fazer um reprobato. As mãos estavam ainda puras: a alma já era negra.

Entrei em Lisboa: ao cruzar a porta da Cruz, experimentei o mesmo goso que sentira ao descer o outeiro que jaz á entrada da minha terra natal: lá, pai, irmã, amante; aqui todas as minhas victimas!—Prazer de homemahi—prazer de demonio cá. Que importa?—A intensidade era a mesma.

A minha boa espada tinha de ir bater sobre uma cabeça criminosa, como uma maldição paterna lançada de leito de morte, como os pelouros desses trons ruidosos com que os castelhanos rareavam nossas alas em Aljubarrota, sem haver arnez que lhes resistisse, elmo que ao perpassar delles não voasse em rachas com o cráneo de seu dono. Qual devia ser a primeira? Hesitei. Lembrei-me da palavra que me legára meu pai:—procurei o seductor de Beatriz. Debalde. Ninguém conhecia D. Vivaldo. Entre os cavalleiros de elrei nenhum havia de tal nome.—A febre da desesperação começava a consumir-me. Insuportavel era para mim e para os outros a minha melancolia.

Certa manhã corria eu ao acaso as ruas e terreiros de Lisboa, sem saber aonde ir, ou a quem perguntar por esse nome vão, por essa sombra fugitiva que o meu sonho de vingança parecia trazer-me perto dos olhos, e que a realidade me punha cada dia mais fóra do alcance. Sahindo da pousada, no extremo do bairro dos escolares, passei pelos paços dos infantes, e cheguei ao terreiro da sé! Ainda ali estava o engenho com que os populares tinham em tempo de D. Fernando despedaçado um traidor. Negro, meio padre, cuberto de limos tinha-o esquecido o povo! O monumento santo, o monumento da vingança não importava a ninguém!—Apertei contra o coração o punho da minha espada. Ella não havia de esquecer-me nunca; só me tardava

o dia em que podesse pendurá-la no lugar mais alto da salla d'honra dos meus paços, entre as armas ferrurentas de Vazqueannes—e depois ir ajuntar mais um cadaver no carneiro de meus avós.

Com os braços cruzados, e os olhos fitos no trom arruinado, deixava-me ir ao som dos meus desvarios, quando um ruido de vozes me despertou. Olhei: o povo estava apinhado junto á torre da sé, que deita para a banda do aguião: encaminhei-me para lá sem saber porque: arrastava-me uma especie de instincto.

Quando me aproximei logo vi o que era. Um truão mouro divertia o povo cantando arremedilhos, fazendo momos e visagens, e saltando como endemoninhado ao som de um adufe! D'ahi a um instante, ruido de gente a cavallo: sou do lado dos paços dos infantes: o povo affastou-se, e dois cavalleiros, acompanhados de seus pagens chegaram perto da torre, pegado com a qual, o bom do truão trabalhava por divertir a gentilha. Um delles era homem de idade madura, mas d'aspecto aprazivel; o outro mancebo e gentil-homem. Embebido em seus momos o jovial folião continuou a saltar tocando o adufe, com pantomimas lubricas, e cantigas obscenas; mas os dois cavalleiros, vendo que o actor do drama popular era um mouro, bradaram a uma voz: «Arreda-te cão!»—e pican-do os acicates, senhores e pagens saltaram por cima do pobre mouro, que roton pelo chão, dando agudos gemidos.

O truão alevantou-se:—d'ahi de roda espantado por alguns momentos, e depois cravando os olhos no céu, com um aspecto em que se misturavam sinais de colera e de angustia exclamou:

«A maldição do propheta caia sobre vós, infieis!»

Ouvindo isto, o povo, em vez de se compadecer delle, começou a dizer-lhe injurias, e a atirar-lhe pedralas e lixo, dando grandes risadas.

«Perro, porque não fugiste?» gritavam uns. «Arriba, e dança na esterqueira!» bradavam-lhe outros.

Um anno antes teria rido como os mais da desventura daquelle mesquinho; mas tudo em mim estava mudado. Acreditareis, virtuoso Fr. Lourenço, que eu, um cavalleiro de Christo, tive dó de um mouro, e amaldiçoei os dois nobres?

Vis sandeus,—disse eu em voz baixa—deixam passar os poderosos que opprimem e escarnecem do aggravado, por que é um pobre mouro!—Porventura esta reflexão nascia de que eu tambem era oppresso? Tambem cavalleiros me haviam calcado como se fosse um truão.

A minha reflexão foi ouvida por um velho que estava ao pé de mim. Medie-me com a vista, e sorrindo-se, disse-me:

A fé, senhor, que tenho setenta annos, e é a primeira vez que vejo um cavalleiro doer-se de um peão. Dos melhores são esses que ali vão, e apesar de tudo vede o que fizeram ao triste jogral. «Conhecei-os?» perguntei eu.

«E quem não conhece, tornou o velho, o nobre e esforçado Lopo Mendes, e Fernando Affonso, camareiro d'elrei?»

O nome de Lopo Mendes vibrou nos meus ouvidos como um trovão que houvesse estourado subitamente. Fiquei callado por algum tempo: uma tempestade de paixões tumultuosas e encontradas me dilaceravão o coração. D. Vivaldo offendêra a honra, Lopo Mendes o amor. As minhas diligencias para encontrar D. Vivaldo tinham, porem, sido baldadas, e eu, que só vivia para sangue, coava dias apoz dias inuteis no mundo. —O seductor de Beatriz tinha o primeiro lugar—era a victima de meu pai e a minha, mas o marido de Leonor passára diante de mim senhoril, orgulhoso, feliz no seu amor detestavel; interpunha-se entre o tigre e a preta. Deus tinha contado os seus dias. Devia morrer mais cedo do que eu proprio imaginava.

Estes pensamentos passaram como um relampago, mas a resolução que geraram foi immutavel. Voltei-me para o velho, e perguntei-lhe com apparente tranquillidade: «E onde pousa o Lopo Mendes?» «Nas casas de Alvaro Pires junto ao muro que desce da Trindade para Valverde, perto da torre de Alvaro Paes.

Felizmente tinham-me ensinado a escrever. Parti. Nesse dia ao pôr do sol, Lopo Mendes recebia um papel fechado com uma cinta preta, em que havia estas palavras:

«Um cavalleiro que te aborrece com as véras da alma, te requesta e repta para te matares com elle a todo o transe. Amanhã no campo da—lide—a hora de prima, com cota e braçaes, punhal e estoque. Na primeira devesa, além do azinhal da esquerda o acharás. Vil e refeca mais que sua infame mulher é Lopo Mendes se ahí não estiver a hora de prima. Não leva firma: daqui a poucas horas me hasde conhecer.»

O pagem que levára esta carta, a recebeu outra vez aberta, e aberta-m'a entregou. Trazia no alto escripto:

«Quem quer que sejas, vilão, põe ahí teu nome, para que te faça acontar como a um mouro perro e fugidico. —Lopo Mendes.»

Ri-me.

(Continua.)

POESIA

INNOCENCIA

—Nenê, q' é isso? Como estás formosa!... Que rosto meigo!... como vem corado!... E ella, sorrindo, murmurou baixinho: —Oral! querem vêr só!... olha o engracado!...

—Que talhe esbelto, q' mãozinhas alvas, Nenê, que dedos, que sorrir formoso!... E ella, a doudinha, murmurou vermelha: —Não vê... que eu te acredito, mentiroso!

—Que lindos olhos, que cabellos louros, Nenê, que fallas, que faceiro tom!... E ella, innocente, murmurou tremendo: —Como eu te quero bem!... tu és tão bom...

—Nenê, que seios, que boquinha rubra, Botão de roza que perfume a aurora... E ella, enleada, murmurou: medeixe!... Não diga mais assim, q' eu vou-me embora!...

Correu.. segui-a na alameda escura Longe, tão longe!... mas cansou bem cedo. E ella, assustada, murmurou já palida! —Vossê me leva?... como estou com medo!...

E o arvoredado mais e mais se ensombra... Tremi de vel-a tão juntinha ao seio... Nenê, chorando, murmurou: me largue. Eu não lhe quero mais... vossê é feio!...

Ezequiel Freire.

A PEDIDO

Gratidão.

Ao partir desta cidade não posso deixar de vir a imprensa, agradecer as maneiras attenciosas com que fui tratado pelo hospitaleiro povo Areense. Fiquem convicto o mesmo povo que em qualquer parte que o destino me leve, serei sempre grato pelos favores aqui recebidos.

Areas 14 de Maio de 1873.

O artista
A. Carrara

Declaração

Pelo Juiz Municipal desta cidade se faz publico que tendo sido arrecadado, como do Evento, um preto por nome João Francisco, crioulo, de idade 35 a 40 annos, o qual por fugido se acha preso, e tendo-se dado todas as providencias para ser descoberto o senhor, por isso, na fórma da Lei, foi o mesmo avaliado na quantia de 600\$000 reis.

Quem o pretender dirija suas propostas a este juizo, em carta fechada, no praso de 30 dias a contar desta data; certos serão preferidos os que mais vantagens offerecerem.

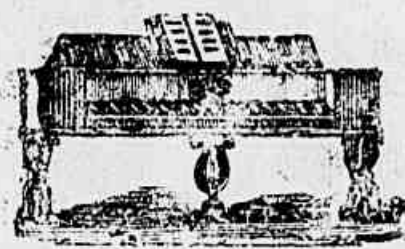
Areas 10 de Maio de 1873.

O Escrivão
José da Silva Bellem.

ANNUNCIOS

a 540 reis o bote de meia libra.
Rapê Paulo Cordeiro e arêa preta

AREENSE
AO BAZAR



Vende-se um piano de meio armario, tres cordas, novo, muito forte e de afinado autor; quem o pretender dirija-se a Pedro Bordino da Camara, nesta cidade para, informações.

ESTAÇÃO DE Campo-Bello

Pinto & Comp.^a continuão a receber em suas antigas casas, em ambos os lados do Rio Parahyba, e na sua nova casa, a mais proxima da Estação: café, fumo, tocinho e mais generos do paiz, para remetterem para o Riode Janeiro e Estações intermediarias; e Cargas da Côte para remetterem a seu destino, mediante uma agencia regular.

300U000

Fugiu da fazenda do fallecido Maximo Monteiro dos Santos, residente em Guaratinguetá, na provincia de S. Paulo, o escravo Francisco, com os signaes seguintes: alto, corpo regular, idade de trinta a trinta e seis annos pouco mais ou menos, côr fula, tem falta de um ou de dois dentes na frente, falla muito bem, e muito cortez no fallar, entende do officio de carapina, é bom carreiro e bolieiro, tem pouca barba, sabe ler e escrever, e tem andado em Queluz e em Campo-Bello, com o officio de lavrador e serrador, e dá pelo nome de Joaquim Rosa. Quem o apprehender cu der noticia certa ou entregar a seu senhor alferes João Monteiro dos Santos França, na cidade de Guaratinguetá, será gratificado com a quantia acima mencionada. Guaratinguetá, 30 de Março de 1873.

Alf.^o João Monteiro dos Santos França.

Essencia concentrada

DE

Salsaparilha e caroba

Preparada pelo pharmaceutico Sampaio, cura boubas, escrophulas, dacthos, ulceras, syphilis etc.
Vende-se na pharmacia do Sampaio.

NO HOTEL

DO BRAULIO
EM CAMPO-BELLO DE
Rezende

Encontram-se os seguintes medicamentos:

BALSAMO INGLEZ

Esta milagrosa fomentação é infallível para a cura do rheumatismo, nevralgia e toda e qualquer dor.

ANTI-EBRIO

Remedio infallível para a cura da embriaguez, preparação do abaixo assignado que tem obtido numerosos resultados favoráveis.

Cancros venereos e
Gonorrheas

por mais antigas que sejam, encontram-se medicamentos poderosos para a completa cura.

Tudo por preços
modicos.

Campo-Bello de
Rezende

B. M. Dias da Cruz.

O abaixo assignado precisando satisfazer a quem deve, pede ás pessoas deste municipio o obsequio de mandarem satisfazer seus debitos.

Areas 7 de Maio de 1873.

João Alves de Vasconcellos.



Antonio José de Araujo Faria aluga animaes de sella arreitados a 3\$000 por dia, pagamento adiantado.

LARGO DA CADEIA
N.º 49.

HOTEL DO BRAULIO

EM CAMPO BELLO DE REZENDE

O abaixo assignado participa a seus numerosos amigos que acaba de abrir nesta freguezia um hotel, onde as pessoas que o honrarem com a sua frequencia encontrarão boa commodidade, excellente tratamento com o maior asseio possível, tudo por

PREÇOS MODICOS

Não se encontrará em seu estabelecimento luxo, porem todo o asseio e capricho para que os seus hospedes sejam servidos a contento.

As pessoas que se dirigirem para as aguas devem, de preferencia, procurar o estabelecimento do abaixo assignado, que, pharmaceutico formado pela escola de medicina do Rio de Janeiro, com pratica de mais de 20 annos e pelo perfeito conhecimento theorico e pratico que tem das mesmas, pode aconselhar qual a qualidade das aguas que devem fazer uzo, conforme a enfermidade.

ASSEIO E PREÇOS MODICOS

Braulio Muniz Dias da Cruz.

THEATRO

Direcção do artista A. Carrara.

HOJE QUINTA-FEIRA 15 DE MAIO DE 1873

ULTIMO!

ULTIMO!

(Grande e pomposa festa artistica em despedida da artista)

JULIA ARNAUD.

Será recitada pela beneficiada uma linda poesia escripta expreçamente para este espectáculo intitulado:

A GRATIEÃO DA ACTRIZ.

O resto do espectáculo acha-se por extenso nos cartases. A beneficiada agradece do intimo d'alma toda a protecção que o illustrado povo areense lhe prodigalisar.

A's 8 1/2

A companhia parte para Queluz onde trabalha sabbado 18 e domingo 19 do corrente; e em seguida para Barreiros, onde vai dar apenas dous espectáculos, sob a direcção do conhecido actor **A. Carrara**.

Ex-artista da empresa Cabral.

ULTIMO!

HOJE.

ULTIMO!

HOJE.